

## SEMIÓTICA DISCURSIVA E MULTILETRAMENTOS: CONTRIBUIÇÕES A UMA PRÁTICA LEITORA

Davi Jefferson Araújo da Silva <sup>1</sup>  
Luan Vítor Ferreira de Souza <sup>2</sup>  
Mayara Benevenuto Duarte <sup>3</sup>

### RESUMO

Devido à hipersemiotização da sociedade contemporânea, faz-se cada vez mais necessário instrumentalizar os estudantes de noções de leitura para a interpretação de textos veiculados pelas mais diversas semioses, processos em que se coadunam as formas de expressão e de conteúdo. Em sua maioria, e muito em razão da internet, os textos, resultados dessas semioses, passam a ser integrados não só pela escrita, mas também pela imagem e pelo som, o que resulta em sincretismos. Tendo em vista que essas produções dão-se em determinadas práticas sociais, é importante que se busque unir análises que contemplem a natureza dual desses textos: objetos de significação, visto que são um todo coerente de sentido, e objetos de comunicação, pois são engendrados a partir de determinado contexto. Partimos da ideia de que esses textos demandam um conjunto de ferramentas para a sua leitura, de modo a dar conta das relações entre as linguagens em suas composições. Desse modo, objetivamos neste trabalho refletir a respeito dos estudos da semiótica discursiva ou francesa e dos estudos dos multiletramentos no processo de leitura do gênero digital *meme*. Fundamentamo-nos nas considerações sobre a multiplicidade cultural e sobre a multiplicidade de linguagem dos estudos dos multiletramentos, e nos estudos sobre os processos semissimbólicos advindos da semiótica discursiva. A metodologia abordada é a própria da semiótica discursiva, com destaque para as categorias plásticas topológicas, cromáticas e eidéticas que darão, juntamente com a noção de multiletramentos, embasamento para as análises. Os resultados apontam para a presença de semissimbolismos no gênero *meme*, produzidos a partir de elementos visuais e verbais, os quais demandam noções tanto da multiplicidade de linguagens, como da multiplicidade cultural.

**Palavras-chave:** Multiletramentos, Interpretação textual, Semiótica discursiva.

### INTRODUÇÃO

Já não se nega que atualmente vivemos em uma sociedade em que o papel das novas mídias digitais assume cada vez mais o protagonismo em nossas interações sociais e comunicativas. Nesse sentido, vemos que a produção de linguagem ganhou mais flexibilidade, agilidade e alcance, além de estar em constante mudança, de modo que, a um só tempo, impulsiona e é impulsionada por questões culturais, sociais, econômicas e políticas.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Curso de pós-graduação em linguística da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, [davijeffersonaraujodasilva@gmail.com](mailto:davijeffersonaraujodasilva@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduando do Curso de letras língua inglesa da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, [luanvitorsouza@gmail.com](mailto:luanvitorsouza@gmail.com);

<sup>3</sup> Mestranda do Curso de pós-graduação em linguística da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, [mayaraduartedga@gmail.com](mailto:mayaraduartedga@gmail.com).

Isso ocorre porque a produção de linguagem sempre se dá a partir de determinado contexto sociocultural, implicando os seus conhecimentos e os seus valores.

À vista dessas considerações, a problematização sobre os modos de ler os novos gêneros digitais está posta e redimensiona a questão da leitura. Ainda que a pandemia do Covid-19 tenha obrigado a nós, professores, o uso das novas tecnologias de informação e de comunicação (TICs), tornando-nos, em tese, usuários desses novos gêneros digitais e das redes sociais em voga, quando pensamos no ensino de leitura desses gêneros que emergiram e ainda emergem nesses espaços virtuais, ficamos um pouco aturdidos, haja vista a gama de fatores que estão imbricados em sua produção.

Pensando nessa complexidade que permeia os processos de produção de linguagem nesses ambientes midiáticos, especialmente os processos multimodais ou sincréticos, objetivamos, neste trabalho, refletir sobre multiletramentos, destacando a importância da compreensão da diversidade cultural e da diversidade de linguagem envolvidas nas práticas de letramentos, atrelando essas considerações às noções advindas da semiótica discursiva ou francesa em relação aos processos de significações de textos. A fim de demonstrar a produtividade dessa intersecção teórico-metodológica, analisaremos a produção de significação(ões) a partir do gênero *meme*.

No que diz respeito à nossa fundamentação, a concepção de multiletramentos compreende a diversidade de linguagens e a diversidade de culturas, isso porque, necessariamente, precisamos levar em conta que os modos de representação variam conforme a cultura e o contexto, o que implica uma compreensão mais ampla do que somente a língua (COPE; KALANTZIS, 2000). Essa compreensão demanda, sem dúvida, meios de análise para os professores quando no tratamento de leitura em sala de aula. Nesse aspecto, a semiótica discursiva pode fornecer subsídios para a interpretação de qualquer texto, visto que se preocupa com os processos de significação (GREIMAS; COURTÉS, 2016).

A nossa metodologia é a própria da semiótica discursiva, que se organiza a partir de um percurso gerativo de sentido, em sua fase padrão, e aprofunda questões a respeito do plano da expressão em fases posteriores (semiótica plástica ou visual). Desse modo, a partir das categorias cromáticas, eidéticas e topográficas, abordaremos o *corpus* selecionado no intuito de produzir relações semissimbólicas, isto é, relações entre o plano do conteúdo e o plano da expressão. Dessas articulações resultarão os significados veiculados no gênero ora analisado.

Este trabalho justifica-se na medida em que vai ao encontro das preocupações acerca dos impactos negativos engendrados por um ensino de leitura descontextualizado, sem interação e como atividade meramente gramaticeira, na medida em que nos deparamos com

“uma atividade incapaz de suscitar no aluno a compreensão das múltiplas funções sociais da leitura (muitas vezes, o que se lê na escola não coincide com o que se precisa ler fora dela)” (ANTUNES, 2003, p. 19).

Para além das considerações iniciais e finais, o trabalho está dividido em duas seções principais. Na primeira seção, discorreremos acerca do referencial teórico, constituído pelos estudos dos multiletramentos e pelos estudos da semiótica francesa. Na segunda seção, procedemos às análises de *memes* a fim de demonstrar a produtividade dessa intersecção teórico-metodológica.

## PEDAGOGIA DOS MULTILETRAMENTOS

Antes de explorarmos a noção de multiletramentos, é necessário fazer algumas digressões que nos ajudam a compreender a evolução dos estudos sobre as práticas de leitura e de escrita, começando pela própria definição do que seria letramento. Encontramos em Soares (2009) uma interessante discussão a respeito do significado do termo “letramento”. A primeira informação que nos dá a autora é a respeito da incorporação, no Brasil, do tema aos estudos da Educação e das Ciências Linguísticas no ano de 1980. Em seguida, ela examina algumas definições desse termo encontradas em dicionários de língua portuguesa. Todavia, é a partir do termo em inglês *literacy* que a autora desenvolve a definição do termo.

Em suas palavras:

Etimologicamente, a palavra *literacy* vem do latim *littera* (letra), com o sufixo *-cy*, que denota qualidade, condição, estado, fato de ser (como, por exemplo, em *innocency*, a qualidade ou condição de ser inocente). No *Webster's Dictionary*, *literacy* tem a acepção de "the condition of being literate", a condição de ser *literate*, e *literate* é definido como "educated; especially able to read and write", educado, especialmente, capaz de ler e escrever. Ou seja: *literacy* é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implícita nesse conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la (SOARES, 2009, p. 17, grifos da autora).

Diante dessas colocações, compreendemos que o letramento perpassa todos os aspectos da vida em sociedade, uma vez que as aquisições da leitura e da escrita geram impactos na vida dos indivíduos, de modo a levá-los, no uso dessas aquisições, ao envolvimento nas práticas sociais, de modo a promover, em seu estado ou condição, alterações relacionadas à psique, à língua, à política *etc.* Ou seja, os desenvolvimentos e as

mudanças das atividades sociais realizadas pelos indivíduos a partir dos usos da escrita e da leitura são letramento.

Ademais, como pondera a autora, o letramento também implica a ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, o que nos remete à ideia de alfabetização. A respeito dessa questão, a autora esclarece que o termo “alfabetização” não possui a abrangência do termo “letramento” e aponta as suas diferenças: enquanto a alfabetização diz respeito à ação de ensinar/aprender a ler e a escrever, concepção muito ligada a simples codificação e decodificação, o letramento diz respeito ao estado ou à condição de quem sabe ler e escrever mais o cultivo e o exercício das práticas sociais que demanda o uso da escrita.

Até agora, estamos discutindo questões voltadas para o ensino e a aprendizagem da escrita e da leitura para a condição ou o estado de letramento e vimos que essa noção está estreitamente ligada ao uso da escrita. No entanto, como argumenta a autora:

[...] um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser *analfabeto*, mas ser, de certa forma, *letrado* (atribuindo a este adjetivo sentido vinculado a *letramento*). Assim, um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se se interessa em *ouvir* a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros leem para ele, se *dita* cartas para que um alfabetizado as escreva (e é significativo que, em geral, dita usando vocabulário e estruturas próprios da língua escrita), se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma, *letrado*, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita. Da mesma forma, a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda “analfabeta”, porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do *letramento*, já é, de certa forma, *letrada* (SOARES, 2009, p. 24, grifos da autora).

Nesse sentido, o letramento também contempla aquelas pessoas que, embora analfabetas, sabem se valer das práticas sociais de escrita para desenvolverem as suas atividades, muitas vezes, também direcionadas a práticas que envolvem a escrita e a leitura. Um exemplo disso é a identificação de linhas de ônibus por pessoas que não sabem ler nem escrever.

Pensando nessa possibilidade de usos da escrita em sociedade, cobrindo ao mesmo tempo tanto uma ampla gama de atividades sociais, quanto também uma ampla gama de textos, a noção de multiletramentos amplia a compreensão dos usos da escrita muito em razão do surgimento das novas tecnologias de informação e de comunicação (TICs). Como faz saber Rojo (2012), a necessidade de uma pedagogia dos multiletramentos foi levantada pelo

Grupo de Nova Londres, um grupo de estudiosos que se debruçou sobre questões voltadas ao letramento, em um colóquio realizado em 1996.

Resultou desse colóquio um manifesto, o qual discutia a necessidade de a escolar abordar os novos letramentos emergentes na sociedade de então. Esses novos letramentos emergiram, sobretudo, a partir do surgimento das TICs. Além disso, o documento também apontou a necessidade de serem abordadas nos currículos escolares as variedades culturais, fato já presente no cotidiano das salas de aula de um mundo globalizado e marcado pela intolerância na convivência com a diversidade cultural.

Para a pedagogia dos multiletramentos, o conhecimento humano é construído a partir dos contextos sociais, culturais e materiais, resultado de um processo de interação com o outro que possui diferentes habilidades, contextos e perspectivas (COSTA SILVA, 2016). Importa dizer que esse processo ocorre dentro de uma mesma comunidade, por isso a relevância do aspecto diverso das culturas e das linguagens. Nessa direção, os estudos sobre os multiletramentos abordam dois pontos específicos e importantes que estão presentes na contemporaneidade, principalmente nas sociedades urbanas: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição de textos, a partir dos quais a população tanto se informa como se comunica.

A respeito da multiplicidade de culturas:

[...] é preciso notar: como assinala Gracia Canclini (2008[1989]: 308-309), o que hoje vemos à nossa volta são produções culturais letradas em efetiva circulação social, como um conjunto de textos híbridos de diferentes letramentos (vernaculares e dominantes), de diferentes campos (ditos 'populares/de massa/erudito'), desde sempre híbrido, caracterizados por um processo de escolha pessoal e política e de hibridização de produções de diferentes 'coleções' (ROJO, 2012, p. 13).

Assim, a hibridização, ou mestiçagem, propiciada pela multiplicidade de culturas torna cada vez mais os espaços, antes delimitados (erudito/popular, por exemplo), mais fluidos e intercambiáveis, como exemplifica Rojo (2012) a partir da constatação de mistura de culturas, raças e cores na realidade das salas de aula do Brasil.

Já a multiplicidade semiótica tem a ver com o fato dos vários modos ou semioses envolvidos na produção de textos, impressos ou em mídias audiovisuais, incluindo aqueles textos que circulam nas mídias digitais. Necessário dizer que as alterações nos processos de construção de textos provocam também alterações no modo de lê-los.

## **SEMIÓTICA DISCURSIVA**

A semiótica discursiva ou francesa é uma teoria da significação, desse modo está preocupada com as relações que produzem a significação. Como fazem saber Greimas e Courtés (2016), a significação é o resultado de articulações. É por meio de uma metalinguagem apropriada que a semiótica francesa desenvolve as etapas das articulações dos sentidos. Essas etapas estão sistematizadas no percurso gerativo de sentido que está organizado em três níveis: fundamental, narrativo e discursivo.

Cada nível possui um componente semântico e outro sintático, este ordena os conteúdos enquanto aquele diz respeito a esses conteúdos investidos nas organizações sintáticas. No nível fundamental, há a categoria fundamental, como, por exemplo, a categoria fundamental Vida *versus* Morte. Com base nessa relação entre termos contrários serão desenvolvidos os processos dos demais níveis. No nível narrativo, esses termos/valores do nível fundamental serão assumidos por sujeitos semióticos. Aqui, vemos os sujeitos em busca dos objetos-valor, agindo e transformando o mundo ao seu redor. No nível discursivo, estão presentes os processos de figurativização e de tematização, as projeções da enunciação no enunciado (pessoa, tempo e espaço) e os processos de argumentação na relação entre enunciador e enunciatário. Neste trabalho, deter-nos-emos ao nível discursivo para a realização das análises.

Após essa fase *standard* da semiótica, desenvolveram-se os estudos voltados às questões da expressão. Isso ocorreu porque, *a priori*, a semiótica francesa dedicou-se ao plano do conteúdo dos textos, desenvolvendo fortemente os aspectos da narrativa desses textos. Ao focar as relações entre expressão e conteúdo, a semiótica francesa busca o estabelecimento de ordem na arbitrariedade da relação entre o plano do conteúdo e o plano da expressão (PIETROFORTE, 2007). O plano da expressão manifesta a figuratividade, que é resultado da geração de sentido, descrita pelo percurso gerativo do sentido. Isso quer dizer também que o plano da expressão manifesta os valores que foram investidos na figuratividade presente em dado texto desde o seu nível fundamental.

Desse modo, é possível estabelecer essas relações entre o plano do conteúdo e o plano da expressão em textos verbais, visuais e sincréticos. Neste trabalho, daremos foco às discussões em torno dos textos visuais/plásticos e sincréticos. Para Floch (1985, p. 16, tradução nossa), a abordagem da semiótica plástica tenciona refletir “sobre as qualidades sensíveis dos significantes visuais e sobre as condições motivadoras da relação semiótica, entre forma de expressão e forma de conteúdo”.

É a partir das considerações sobre o simbolismo e sobre o semissimbolismo que a semiótica plástica constrói algumas noções teórico-metodológicas para a análise de textos

visuais e sincréticos (ou multimodais). O simbolismo é o sistema em que há conformidade total entre expressão e conteúdo (balança, símbolo da justiça), já o semissimbolismo é a co-presença de dois termos contrários de uma categoria em uma mesma superfície. São três categorias do plano de expressão, ou categorias plásticas, para a análise dos textos visuais: a cromática (cores); a eidética (formas); e a topológica (posição) (Pietroforte, 2007).

## LER MEMES: A PRODUÇÃO DE LINGUAGEM HUMORÍSTICA NA REDE

A partir de agora, analisaremos alguns *memes* com base nas noções advindas da semiótica francesa e dos apontamentos dos estudos sobre os multiletramentos no intuito de ressaltar as relações complexas de significação e, por conseguinte, de leitura que participam da produção desse gênero digital. Selecionamos os *memes* a partir do conjunto de publicações do perfil no *Instagram* @artesdepressao, perfil caracterizado pelo uso de pinturas para a confecção dos *memes*. Para análise, recolhemos dois *memes* que circularam no período da pandemia causada pelo Covid-19. Durante esse período, o governo estabeleceu a quarentena como medida para impedir o avanço de casos que, àquela altura, eram muitos, resultando em centenas de milhares de mortes.

Esses *memes* tratam de maneira bem humorada sobre esse período. O *meme* “Será que sou assintomático(a)?” traz uma imagem de uma mulher, aparentemente doente, deitada em seu leito e com o texto escrito, na parte superior: “mente vazia, oficina do.”; e na parte inferior da imagem: “será que sou assintomático(a)?”.



**Figura 1** – Meme “Será que sou assintomático(a)?”

**Fonte:** @ArtesDepressão, disponível em: <https://www.instagram.com/artesdepressao/>.

Na realidade, essa imagem da mulher deitada é uma pintura do século XVII, intitulada “Jovem em seu leito de morte”, 1621, da Escola Flamenca. A partir da reprodução dessa

pintura com os dizeres há a construção de um novo gênero, o *meme*. Aqui, não aprofundaremos as discussões a respeito desse gênero, o que tencionamos fazer em trabalhos posteriores. Interessa-nos saber como ocorre a produção dos sentidos nesse *meme*. Para um melhor entendimento, procederemos a partir dos elementos visuais e depois passaremos aos elementos verbais.

Como já mencionamos acima, a semiótica plástica se preocupa com as relações entre o plano da expressão e o plano do conteúdo, de modo a estabelecer uma ordem na arbitrariedade das produções de textos visuais. Como estamos diante de um gênero que possui forte apelo visual, vamos explorar a produtividade semântica entre esses planos a partir das categorias de espaço (categorias plásticas topológicas), cor (categorias plásticas cromáticas) e forma (categorias plásticas eidéticas). Desse modo, abordaremos os semissimbolismos presentes nesse gênero.

Convém, todavia, ressaltar a distinção que se faz entre a imagem vista e a imagem imaginada. Aquela correspondendo ao plano da manifestação, da expressão, e esta, ao plano do conteúdo. Nas palavras de Pietroforte (2007, p. 34):

[...] quando se trata do plano de expressão plástica, a imagem do conteúdo é facilmente confundida com a imagem que se vê por meio da expressão, e uma é tomada pela outra sem distinções. O desenho de uma árvore, por exemplo, é formado por meio de categorias plásticas, pois nele há cromatismo e forma, dispostos numa topologia – trata-se da imagem vista –, mas reconhecer nesse significante uma relação com o conceito de árvore diz respeito ao plano de conteúdo, pois são categorias semânticas que definem o conceito de árvore – trata-se da imagem imaginada. Construída por meio de formas semânticas, a imagem do conteúdo tem propriedades conceituais que, quando textualizadas em semiótica plástica, passam pelo processo de manifestação em que categorias de conteúdo são traduzidas em categorias plásticas.

Nesse sentido, a partir da imagem vista, tentaremos estabelecer as relações com a imagem imaginada. Tentaremos articular os sentidos entre o plano da expressão e o plano do conteúdo. Iniciando pelas categorias plásticas topológicas, temos a posição do corpo em relação às posições de verticalidade *versus* às de horizontalidade. Nesse *meme*, a posição do corpo da mulher está em horizontalidade, portanto nos leva a imaginar que está em repouso, descanso ou morta.

No tocante às categorias eidéticas, notamos que os traços do desenho do corpo dessa mulher mantêm-se, em sua maioria, retos, principalmente da cabeça para baixo, o que nos leva a imaginar uma condição estática, em que não se pode movimentar muito. As formas do rosto, por sua vez, possuem traços com leves arredondamentos dos olhos e da boca, o que nos



remete à imagem de indiferença. Já as categorias cromáticas apontam cores mais frias, tons mais gélidos, remetendo-nos a uma situação mais fúnebre.

Sintetizando, constatamos que, no plano da expressão, a categoria topológica horizontal está para a categoria do conteúdo repouso ou morte; a categoria eidética traços retos e olhos e boca levemente arredondados também reforçam a ideia de repouso ou morte. Por fim, a categoria cromática tons frios correlaciona-se à ideia de morte. Logo, os semissymbolismos neste *meme* apontam para o efeito de sentido de morte.

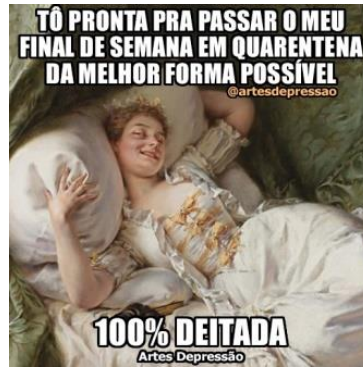
O texto escrito nesse *meme* está enunciado, na parte superior, por um distanciamento da enunciação (debreagem enunciativa), ou seja, em terceira pessoa, o que passa um efeito de sentido objetivo, seguido por um apostrofo. Nesse momento, o enunciador dá voz ao outro: “será que sou assintomático(a)?”, estratégia que se aproxima da enunciação quando se tem o discurso em primeira pessoa (debreagem enunciativa) e confere um efeito de sentido de subjetividade ao mesmo tempo em que confere um efeito de sentido de credibilidade, pois insere as próprias palavras do outro.

Em relação ao tempo, há nesse discurso, especificamente na parte inferior, um enunciado marcado pelo então, momento que não é o agora da enunciação. Esse tempo está marcado pelo futuro, “será”, mas um futuro hipotético, reforçado pela conjunção “que”: “será que”, o que sugere o efeito de sentido de possibilidade. O espaço é o do lá, marcado pelo distanciamento da enunciação, revestido pelas seguintes figuras: “mente” e “oficina”, indicando o lugar em que a indagação que se seguirá ocorre: na mente de quem é dada a voz.

A partir das figuras “mente” e “oficina”, depreendemos o tema *especialização*. É onde ocorre a indagação do ator inserido pelo enunciador do discurso (“será que sou assintomático(a)?”). A partir da figura “assintomático(a)”, depreendemos o tema *doença*. É a preocupação do ator instaurado no discurso que se indaga interiormente a respeito da condição de sua saúde. Levando em consideração o momento em que se produziu esse enunciado, período pandêmico, há aí a tematização da preocupação com o Covid-19, que acometia pessoas sem provocar sintomas.

Essas considerações a respeito do texto verbal, em relação ao texto visual, produzem uma isotopia de leitura, qual seja: o risco de morte causado pelo Covid-19. Como fazem saber Greimas e Courtés (2016, p. 278), “Do ponto de vista do enunciatário, a isotopia constitui um crivo de leitura que torna homogênea a superfície do texto, uma vez que ela permite elidir ambiguidades”. Claro que pode ocorrer várias isotopias em um mesmo texto, como a que diz respeito ao efeito de humor provocado pelo arranjo entre a pintura e o texto escrito. Nesse caso, há pluri-isotopia.

Na imagem a seguir, temos o *meme* “100% deitada”, também uma pintura, “Após o baile de máscaras”, 1893, de Heinrich Lossow. De modo parecido com o *meme* anterior, esse também traz uma mulher deitada em seu leito e possui os seguintes dizeres: na parte superior: “Tô pronta pra passar o meu final de semana em quarentena da melhor forma possível”; na parte inferior: “100% deitada”.



**Figura 2** – Meme “100% deitada”

**Fonte:** @ArtesDepressão, disponível em: <https://www.instagram.com/artesdepressao/>.

A começar pelas categorias plásticas topológicas, também há a questão da verticalidade *versus* a horizontalidade. No entanto, a posição que assume o corpo dessa mulher está no meio termo: o seu busto se posiciona mais acima, em relação à cama, enquanto do seu ventre para baixo está mais alinhado à horizontalidade da cama. Por ela estar mais posicionada à vertical, logo imaginamos atividade, ação, vida.

Acerca das categorias eidéticas, as formas de seu corpo estão em traços mais curvos, o que insinua movimento. Já as formas de seu rosto estão com bocas e olhos levemente arredondados, esboçando um sorriso. Isso nos remete à ideia de um contentamento comedido. No tocante às categorias cromáticas, a presença de cores quentes logo nos faz imaginar uma sensação de alegria, frescor, vida, principalmente por causa do rosado de sua cutis. Sintetizando, teríamos, então, verticalidade igual a movimento; as linhas curvas também vêm reforçar essa ideia e as cores quentes remetendo-nos à vida.

Em relação ao texto escrito, vemos que há preponderantemente um enunciado marcado pela primeira pessoa, uma aproximação da enunciação (debreagem enunciativa), o que confere um efeito de sentido de subjetividade, uma aproximação entre enunciador e enunciatário. O tempo é o do agora: “Tô” (presente do indicativo), o que reforça essa aproximação com o tempo da enunciação enunciada: eu-aqui-agora. O espaço é o do aqui,

quando o enunciador diz como vai passar o seu final de semana: 100% deitada. Reforçando essa aproximação com a enunciação.

A partir da figura “quarentena”, depreendemos o tema de *doença*. Se há quarentena, há cuidados que devem ser tomados para evitar a contaminação e proliferação de determinada doença. A partir dos processos de figurativização: “passar o meu final de semana”, “da melhor forma possível” e “100% deitada”, depreendemos o tema de *descanso*. Interessante observar que o descanso nesse enunciado é marcado por um tempo e um lugar: final de semana e cama, pelo que se deduz.

A leitura que se depreende, portanto, da relação entre os elementos visuais e os elementos verbais é a de descanso em meio a uma quarentena, o que reforça a ideia de evitar aglomerações, imbuída na concepção de quarentena.

Se articularmos os dois *memes*, vemos que há alguns contrastes interessantes: no tocante à posição dos corpos, enquanto a mulher do primeiro *meme* está em posição horizontal, a segunda tende à verticalidade. Em relação às formas, na primeira há traços mais retos, conferindo rigidez ao desenho, já a segunda está em curvas, insinuando movimentos. As cores, por fim, conferem o contraste mais nítido: no primeiro *meme* há uma imagem em tons frios, remetendo-nos à morte, já no segundo, há uma imagem em tons quentes, remetendo-nos à vida. Basta compararmos as cútis de ambas as mulheres para depreendermos esses sentidos: enquanto na primeira há palidez, denotando ausência de circulação sanguínea, na segunda há um rosado, um enrubescimento típico da circulação sanguínea.

Levando em conta apenas os aspectos semissimbólicos presentes nos elementos visuais, vemos que, relacionando-os, os *memes* estabelecem entre si, no nível fundamental do percurso gerativo de sentido, uma relação de contradição: enquanto o primeiro tende a significar a morte, o segundo tende a significar a vida. Levando em consideração as relações entre esses *memes* e o período em que foram produzidos, foi essa a tensão que predominou o cotidiano das pessoas: morte *versus* vida. Os *memes* brincam exatamente com essa tensão. Em relação à multiplicidade cultural, percebemos que esse gênero possui uma hibridização que destitui as barreiras entre erudito *versus* popular, uma vez que nos possibilita a leitura de um texto, a um só tempo, que recupera elementos da cultura erudita (as pinturas) e os mescla a elementos populares por meio de construções textuais que remetem ao riso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade contemporânea hipermidiática (ROJO, 2012) demanda cada vez mais ferramentas teórico-metodológicas que deem conta das relações entre as diversas linguagens e a cultura ali em questão para a compreensão das significações propostas. Nesse sentido, buscamos refletir como os estudos dos multiletramentos aliados aos estudos da semiótica discursiva podem contribuir nessa direção para um ensino de leitura mais eficiente. Os estudos dos multiletramentos apontam para a necessidade de se considerarem a multiplicidade cultural e da multiplicidade de linguagem. A semiótica discursiva, por sua vez, busca explicitar os mecanismos de produção de sentidos a partir de uma metalinguagem apropriada.

A partir das análises aqui empreendidas, pudemos, portanto, explicitar a produção de sentidos no gênero *meme*, bem como explicitamos a mesclagem que ocorre na compreensão desses sentidos, em que o erudito se mistura com o popular para significar. Esperemos, assim, contribuir na discussão sobre o ensino de leitura.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- COPE, B. KALANTZIS, M. (Eds.) **Multiliteracies: literacy learning and the design of social futures**. London: Routledge, 2000.
- COSTA SILVA, Themis Rondão Barbosa da. Pedagogia dos multiletramentos: principais proposições metodológicas e pesquisas no âmbito nacional. **Letras**, Santa Maria, v. 26, n. 52, p. 11-23, jan./jun., 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/25319>. Acesso em 25 jul. 2023.
- FLOCH, Jean-Marie. **Petites mythologies de l'oeil et de l'esprit: pour une sémiotique plastique**. Paris-Amsterdam: Éditions Hadès-Benjamins, 1985.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. Tradução de Alceu Dias Lima *et al.* Prefácio de José Luiz Fiorin. 2.ed. 3. reimpr. São Paulo: Contexto, 2016.
- PIETROFORTE, Antonio Vicente. **Análise do texto visual: a construção da imagem**. São Paulo: Contexto, 2007.
- ROJO, R.; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.